

A PULÊMICA REVISITADA: Regionalismo e Modernismo

Moema Selma D'Andrea-

"Veio para ressuscitar o tempo
e escalar os mortos,
as condecorações, as liturgias, as espadas,
o espectro das fazendas submergidas,
o muro de pedra entre membros da família,
os negócios de trapaça, as ilusões jamais confirmadas
nem desfeitas.
Veio para contar
o que não faz jus a ser glorificado
e se deposita, grânulo,
no poço vazio da memória.
É importuno,
sabe-se importuno e insiste,
rancoroso e fiel."

Carlos Drummond de Andrade ("O Historiador")

RESUMO: A intenção é de analisar os pontos de antagonismo, e também, os de concórdia entre os dois grandes formuladores da plataforma intelectual do país, na década de vinte: Gilberto Freyre e Mário de Andrade. A década de vinte representa para a memória do país um dos momentos mais ricos de sua história. Tínhamos finalmente nos firmado como nação independente e ensaiávamos o nosso balé no grande palco da *Belle Époque*, conscientes de nossa modernidade. Ponanto, em vez de falarmos de modernidade, poderemos perfeitamente falar de modernidades brasileiras, tomando como paradigma a modernidade europeia, da qual derivávamos e a qual poderia ser entendida em sua reinvenção e heterogeneidade.

Palavras-chave: modernismo, Freyre, Mário de Andrade, modernidade.

O poema de Carlos Drummond de Andrade, como epígrafe a este trabalho, está no centro de minhas preocupações ao discutir (mais uma vez) as relações ambíguas entre o Regionalismo nordestino e o Modernismo

paulista. O que significa que Arte e Vida (ou História) se entrecruzam em suas várias instâncias, reservando-se à arte sua especificidade estética, regida por leis próprias - que, todavia, não a exime de seu contínuo diálogo com a

realidade. Como **sabemos**, Carlos Drummond **se** distingue como um dos poetas brasileiros que mais tensionou, em seus poemas, as **relações** culturais e sociais de nosso país. Sabendo-se importuno, rancoroso e fiel, ele insiste em transformar em grânulo poético o dado histórico **que se deposita** no **poço** vazio da memória histórico-cultural.

Assim, **voltar** a discutir as relações que aqui se estabeleceram na década de vinte entre o Regionalismo e o Modernismo é, de **certo modo**, *insistir na tentativa de compreender o solo histórico que alimentou os dois movimentos estético-culturais. aparentemente em rola de colisão.* A intenção é a de **analisar** os pontos de antagonismo, e também os de contato, entre os dois grandes formuladores da plataforma intelectual do país, na **década** de vinte: o sociólogo pernambucano e Mário de Andrade.

Há **quase** setenta anos atrás, Gilberto Freyre - líder do Regionalismo nordestino - formula uma de suas teses sobre a supremacia *cultural* do Nordeste, do ponto de vista da sociedade patriarcal, polida e civilizada em sua **concepção** de **regionalismo-tradicionalista** e, a seu modo, modernista. Curiosamente, a supremacia da cultura **nordestina** vem justificada por razões *econômicas*, ditadas pela prática "heterodoxa" das novas **relações** de capital e trabalho, **postas** em andamento pela burguesia de São Paulo na **década** de vinte. *É que, ao adotar a prática da imigração, substituindo o trabalho escravo, a oligarquia cafeeira estaria dando o tiro de misericórdia no prestígio patriarcal do seu reduto, segundo o entendimento do autor:* "Em **São Paulo**, os plantadores tiveram onde fazer fincapé contra a **violência de 1888**. [...] Antecipando a abolição do trabalho escravo, desde 1886 se atirara o ministro Prado à introdução de imigrantes no **Sul**."²

Por outro lado e a **bem** de nossas **tradições** colonizadoras, ainda segundo Gilberto Freyre, a derrocada econômica do Nordeste **resguarda**, em **contrapartida**, o prestígio cultural das relações coloniais e a tutela da identidade nacional: "Mesmo com **as** fundas alterações sofridas na ordem social e que o separam tanto do seu passado, continua o Nordeste a parte mais brasileira do Brasil; a mais característica."³

O discurso tradicionalista de Gilberto Freyre **não chega** a **ser** ocuidade. No entanto, devido ao seu brilho intelectual, à simpática retórica de seus argumentos conservadores e à inegável **contribuição** que ele deu à **pesquisa**, através do detalhe miúdo do cotidiano de nossa sociedade escravocrata, a crítica **muitas** vezes se sentiu desconfortável e tolhida diante do reconhecimento geral de sua obra.⁴ De 1945 para cá, com o avanço do pensamento crítico - que o malogro da modernização se incumbira de formar -⁵ e com a disciplina dos trabalhos acadêmicos, tomou-se possível uma outra leitura dos inúmeros caminhos apontados por *Casa Grande & Senzala*. Gilberto Freyre conservou-se, até o fim, o mesmo intelectual do início, apesar dos lances transformistas que desmontaram, em grande parte, o prestígio do mundo colonial.⁶ Assim, foi extremamente coerente com sua classe social e sua formação de "aristocrata" nordestino.

De qualquer **maneira**, o Nordeste da **década** de vinte deve muito de sua matriz ideológica - reatualizada - ao modelo de intelectual tradicional ¹ do autor de *Sobrados e Mocambos*. Como bom culturalista, Gilberto Freyre pôde corresponder à angústia da oligarquia açucareira, dando-lhe em troca uma representação bem elaborada de hegemonia cultural e de sociedade harmoniosa no **convívio** das classes, descartando os entraves da

estrutura social. Além do que, seu modelo de sociedade escravocrata e pós-escravocrata, sem **tensões**, ainda era uma alternativa confortável a ser aceita - *fora dos limites nortestinos* - pela nova estrutura do poder. Assim, de um lado ele confirmava o prestígio cultural da oligarquia açucareira e, por outro, reatitava o poder patriarcal à nova ordem industrial, mediante a exclusão das tensões que indicariam os desconfortos dos ajustes feitos por Cima

A ausência de uma **revisão crítica**, em Gilberto Freyre, contempla as constantes farpas que lança ao Modernismo paulista. Mesmo sendo um intelectual de tantos recursos, ele não consegue dissimular que seu ponto de partida e chegada gira em torno das perdas do patriarcalismo nordestino. Desse ponto não **arreda** pé, a não ser para alimentar a nostalgia **colonial**.⁸ Na condição de principal ideólogo e articulador desse neo-regionalismo, a Gilberto Freyre não faltou criatividade na reformulação do antigo ideário: o "*Movimento Tradicionalista e, a seu modo, Modernista*" concilia a tradição com a modernidade, de maneira ao mesmo tempo precavida e galante. Não esquecer que os dois termos, postos vis-à-vis, não se eximem da polaridade que seu autor abriga em relação ao Modernismo de 22. É exemplar, neste sentido, o confronto entre os dois movimentos:

"Daí **ser** impossível sraçar-se a **história** dessa cultura, **nos últimos decênios, sem** dar atenção **especial** àquele movimento. **Regionalismo** t, o-
dicionahsm **a seu** modo modernista: **mas de todo** mdependeme do 'Modernismo' **Rio-São Paulo** - do qual tanso **se** falou, às **vezes esquecendo-se esse** outro movimento da **mesma época**, saído do Recife e o **seu** chamado 'Manifesto Regionalista', apresentado - como **pronunciamento** que **definis**se suas **orientações** - ao **Congresso Regionalista organizado no Recife em 1926.**"⁹

Em outra ocasião, falando sobre o jornal A Província, do qual era o editor do

momento, Freyre dá um passo adiante, nomeando as personas que incomodavam o Regionalismo Tradicionalista:

"*Todo o meu empenho é fazer d'A Província um jornal diferente dos outros e fiel à sua condição de joenal da* província. Autêntico. Honesto. Com a *colaboração de alguns dos melhores ta. lentos* do Rio e *de* S80 Paulo. *Mário de Andrade não me interessa: de modo notável está sendo um renovador de artes e letras brasileiras, mas é artificial em muita coisa. Artificial demais. Oswal â de Andrade, também, embora bem mats inteligenle e autêntico que Mário. Já tenho assegurada a colaboração de Manuel Bandeira e de Prudente de Moraes Neto: os dois 'modernistas' da minha mais pu'a admiração.*"¹⁰

Em sintonia com o sociólogo pernambucano, José Lins do Rego engrossa o coro dos regionalistas. à sua maneira espontânea e destemperada:

"Havia **nessa época** o **movimento** modernista **de São Paulo**. Gilberto criticava a **campanha** como **se fosse de** outro geração, O **rumor** da **Semana da (sic) Arte Moderna** lhe **parecia muito** de movimento de **comédia, sem importância real**. O **Brasil não precisava do dinamismo de Graça Aranha e nem da gritaria dos rapazes** do Sul; o **Brasil** precisava era **de se** olhar, de se **apalpar**, de ir **às fontes** de vida, **às profundidades** de sua consciência. **nesse sentido** o **Regionalismo** do **Congresso** do Recife **merecia que se propalasse por todo o Brasil porque é essencialmente revelador** e vilalizador do caráter **brasileiro** e aa personalidade **humana**. Com **um Regionalismo** desses **é que poderemos fortalecer mais ainda a unidade brasileira.**"¹¹

É possível perceber - no novo discurso regionalista - além do saudosismo e do confronto, um tópico que andava na boca e na cabeça da *inteligentsia* brasileira daquela época: o busca da identidade nacional, um nacionalismo **que ocupava tanto as camadas** da burguesia mais cosmopolita - preocupada com **um** projeto de modernidade - como a oligarquia provinciana, de economia em declínio. E neste terreno, o Regionalismo disputava ao Modernismo uma plataforma,

ou modelo, daquilo que seria a modernidade para o país, através do dado cultural e literário.¹²

A **consciência** de "país novo"¹³ que se impusera principalmente desde o Romantismo, **abre-se** na segunda década deste século em mais uma florada nacionalista. Este empenho vai desaguar em dois macro-projetos aparentemente contraditórios: o nacionalismo luso-tropical do ideário freyreano e o nacionalismo da burguesia industrial, **conferido** par um progresso *sui generis*¹⁴; isso a grosso modo e sem **esquecer** a sinuosidade das classes dominantes, ao norte e ao sul. Assim, por entre **as** brechas do projeto nacionalista para a modernidade brasileira **arrebenta** - na expressão de Mário de Andrade - o Modernismo de 22.¹⁵ No terreno da cultura e da literatura, o Modernismo surge como forma de um pensamento radical, que inicia uma nova era de formulações **para** as artes e mesmo uma nova **conduta** no plano social e político. Ou nas palavras de Mário de Andrade: "uma remodelação da inteligência nacional".

Uma das maneiras mais bem acabadas de se entender o **tão** intrigante e estudado Modernismo brasileiro, julgo ser ainda o **exame** feito por Mário de Andrade, no texto de 1942, "O movimento modernista". Naquele momento, o projeto modernista completava vinte anos e muita água havia passado pelo monjolo nacional, motivando no intelectual paulista uma tomada de consciência bastante honesta.

Revisão crítica de todo o programa do **grupo** ligado à Semana de Arte **Moderna**, ressaltando seus pontos positivos e, principalmente os contraditórios ou "abstencionistas", o texto vincula-se ao momento de crise do **Estado** Novo e ao descrédito da euforia nacionalista, já encaminhada **para** o

reconhecimento efetivo de país subdesenvolvido. A este respeito, **diz** Antonio Candido que aconsciência do subdesenvolvimento **é** posterior à Segunda Guerra Mundial e se manifestou claramente a partir dos anos de 1950. Mas desde o decênio de 1930 tinha havido mudança de orientação, sobretudo na **ficção** regionalista, que pode ser tomada como termômetro, dadas a sua generalidade e persistência. Ela abandona, então, a amenidade e *curiosidade*, pressentindo ou percebendo o que havia de mascaramento no encanto pitoresco, ou no cavalheirismo ornamental, com que antes se abordava o homem rústico. Não é falso dizer que, sob este aspecto, o romance adquiriu uma força desmistificadora que precede a tomada de consciência dos economistas e po¹⁶tticos."

Na sua infatigável busca de uma interpretação contemporânea **da** realidade brasileira, Mário de Andrade foi coerente com **sua** atuação intelectual e, notadamente, com o princípio de **"atualização** da inteligência brasileira": "Com efeito: não se deve confundir isso com a liberdade da pesquisa estética, pois esta lida com formas, com a técnica e as representações da beleza, ao passo que a arte é mais larga e complexa que isso, e tem uma funcionalidade imediata social. é uma profissão e uma **força** interessada na vida." O texto é dialético na medida em que não opõe, simplesmente, a tradição à modernidade, **mas** expõe os aspectos **conciliadores** de uma tradição "aristocratizante" com o progressismo **da** plataforma nacionalista - moderna...

"Junto disso, o movimento **modernista** era nitidamente aristocrático. Pelo **seu** caráter de jogo arriscado, pelo **seu** espírito aventureiro, pelo seu **nacionalismo** embrabecido; pela **sua** gratuidade anti popular. pelo **seu** dogmatismo **prepotente**, era **uma** aristocracia **de** espírita..."

Portanto a aristocracia - seja de espírito, ou seja de estirpe - é um ponto de

acordo na divergência de Gilberto Freyre com o modernista Mário. A divergência reside na escolha do modelo aristocrático: Gilberto Freyre **abraça** a "aristocracia improvisada do Império" ligada ao português, mais ao lado do "império de plantadores de cana"¹⁰ e a de Mário **abriga** a aventura bandeirante (mameluca) dos paulistas quatrocentistas.²⁰ E sobre a acusação da artificialidade de Mário e Oswald, por parte do líder regionalista, a resposta do primeiro contempla os principais pontos da crítica: "Quanto a dizer que éramos, os de São Paulo, uns entitradicionalistas, ou antitradicionalistas europeizados, creio **ser** falta de subtileza crítica. **É esquecer** todo o movimento regionalista aberto, justamente em São Paulo e imediatamente antes, pela 'Revista do Brasil'; é esquecer **todo** movimento editorial de Monteiro Lobato; é esquecer a arquitetura e até o urbanismo (Dubugras) neo-colonial, nascidos em São Paulo. Desta **ética** estávamos impregnados." (Op. cit., p.235)

De fato, o Modernismo propôs uma síntese conciliatória entre nosso arcaísmo "residual" e as novas formas de progresso, engendrada pelo "desenvolvimento desigual e combinado do capital", (Trotsky) a que estava destinada a nossa modernidade.²¹ Neste capítulo, o Modernismo confina com o Regionalismo pelo gosto **à tradição**: "Só em certas ocasiões especiais, no salão moderno, construído nos jardins do solar (dos Guedes Penteados) e decorado por Lasar Segall, o grupo se tomava mais coeso. *Também aí o culto da tradição era firme, dentro do maior modernismo.* A cozinha de cunho afrobrasileiro, aparecia em **almoços** e jantares perfeitíssimos de composição. [...] Salões festivos, bailes célebres, semanas passadas em grupo nas fazendas opulentas, semanas santas pelas cidades velhas de Minas, viagens pelo Ama-

zonas, pelo Nordeste, chegadas a **Baía**, passeios constantes ao passado **paulista**, Sorocaba, Parnaíba, Itú... [...] Doutrinários, na ebbriedade de **mil** e uma teorias, salvando o Brasil, inventando o mundo, na verdade tudo consumíamos, e a nós **mesmos**, no cultivo amargo, quase delirante do prazer," ("O Movimento Modernista", pp.239 e 241 - grifos meus).

Do lado do Regionalismo, Gilberto Freyre **lamenta**, em seu Manifesto, o **descaso** por essa tradição - especialmente a culinária - na vida do nordestino. "Já quase não há **casa**, neste decadente Nordeste de usineiros e novos ricos, onde aos dias de jejum se sucedam, como antigamente, vastas ceias de peixe de coco, de fritada de guaiamum, de pitu ou de camarão, de **cascos** de-caranguejo e empadas de siri preparadas com pimenta. Já quase **não** há casa em que em dia de aniversário na família os doces e bolos sejam todos feitos pelas sinhás e pelas negras: cada doce mais gostoso que o outro." O lamento de Gilberto Freyre atinge até a importância (7) dos quitutes no plano estético: "Quase **não** se vê conto ou romance em que **apareçam** doces e bolos tradicionais como nos romances de Alencar." (p.71)

No entanto, a essa **altura**, Mário de Andrade se mostra consciente das transformações que o modelo econômico contraditório - imposto pelo capital - produziu nas relações sociais (e, conseqüentemente, culturais) de São Paulo. A consciência desse processo é, no entanto, limitada, não dando conta da ambigüidade no acasalamento de uma economia colonial-escravagista com uma economia capitalista-mercantilista.

Assim, na visão de Mário, essa **unidade** de base capitalista toma a forma de uma **dualidade**²²: a dialética do cosmopolitismo vs. provincianismo e da interpenetração do **rural** com o urbano, produzindo estados de

espírito e de comportamentos diferenciados entre os dois maiores centros: Rio e São Paulo. O modelo cosmopolita da burguesia internacional, que frequentou a nossa *Belle Époque*, entronca-se, em São Paulo, com a industrialização, fennentando um "contato mais espiritual e mais técnico com a atualidade do mundo" (Op. cit., p.236). No Rio, o internacionalismo era, caracteristicamente, de comportamento exterior - ou modismo bem apanhado - conservando na sua essência o **caráter** "exótico" de suas tradições, aliás o mesmo **traço** visível em capitais do Norte e do Nordeste.

"O Rio é dessas cidades em que não só permanece indissolúvel o 'exotismo' nacional (o que aliás é prova de vitalidade de seu caráter), mas a interpenetração do rural com o urbano. Coisa já impossível de se perceber em São Paulo. Como Belém, o Recife, a cidade do Salvador: o Rio ainda é uma cidade folclórica. Em São Paulo, a exotismo não frequenta a rua Quinze, que nem os sambas que nascem nas caixas de fósforos do Bar Nacional." (Op. cit., p. 236)

Conseqüentemente, segundo **Mário**, a radicalidade das vanguardas européias encontraria guarida no Modernismo paulista porque "sendo fruto **necessário** da economia do café e do industrialismo", possuía o espírito moderno daquele momento. Acompanhemos o raciocínio do autor de *Pau-ú éta desvairada*: querendo confumar uma regra (ou tendência econômica) ele termina por apontar uma exceção ou contradição; ou seja, o fato de o Movimento Modernista não ser bem recebido pela burguesia representativa do **industrialismo nascente**, justamente aquele que propiciava as iniciativas modernizadoras, **inclusive** no campo da arte.²¹ Sendo assim, o "espírito moderno" que adviria desta modernização industrial estaria sendo avalizado pela aristocracia paulista - "decadente"; "A aristocracia tradicional nos deu **mão** forte, pondo em evidência mais essa germinação de

destino - também ela já então autofagicamente destruidora, por não ter mais uma significação legítima."

Seguindo-se o raciocínio de Gilberto Freyre, o pragmatismo da oligarquia paulista de 1886 preparou o caminho reformista que contornaria os efeitos da "violência da abolição", encontrando, ao mesmo tempo, uma alternativa para o bem-estar produtivo da economia rural. Mas Mário de Andrade refuta este raciocínio ao dizer que a "aristocracia" paulista não teria mais **"uma"** significação legítima. O que se pergunta é: até que ponto a classe cafeeira - na crista do sucesso econômico (a crise viria na década seguinte) ficaria fora das relações do capitalismo internacional e da alta burguesia industrial de São Paulo?

Na linha deste questionamento, **Carlos Eduardo Bemel** - citado por Roberto Schwarz - "liga o nacionalismo de 22 ao setecur da oligarquia cafeeira que, além de **plantar**, buscou disputar aos capitais imperialistas a área de comercialização, que era a mais rendosa do **momento**."²² Continuando a analisar essas implicações, Schwarz levanta alguns pontos que colidem com a idéia de uma "aristocracia" em declínio, a qual **busca**, na **área artística**, espaços onde exercer o domínio no terreno do simbólico:

"O arguerio (de Berriel) vai além da conhecida proximidade entre os Modernistas e algumas famílias de grandes fazendeiros: sugere uma certa homologia entre a estética de Mário e a experiência acumulada de uma classe que a) se movia com pontos de vistas próprios no campo dos grandes interesses internacionais (o café chegou a ser o maior artigo de comércio internacional do mundo); b) combinava à sua indisputável atualização cosmopolita o conservadorismo no âmbito doméstico, já que a persistência da monocultura de exportação, com as relações de trabalho correspondentes, era sua base de eminência nacional e participação internacional; c) encarava a 'vocação agrícola' do

país como um elemento de progresso e contemporaneidade, o que as demais manifestações modernizantes se deveriam e poderiam suboednar harmoniosamente; d) planava muito acima do conservadorismo defensivo e xucro do restante da riqueza do país." (SCHWARZ, Roberto. Op.cit. p. 12)

Como **se vê**, o texto de Mário de Andrade traz em si a dialética daqueles tempos, ou a **contradição** básica dos **intelectuais**, forçados por uma **educação** primorosa (é o caso de Paulo Prado, Oswald de Andrade, Gilberto Freyre e do próprio Mário) mas que buscavam **apenas** nas manifestações culturais e no arranjo estético a **solução**, "espiritualmente" moderna, para os desconchavos **arcaizantes** do país (veja-se nesse sentido o **caso** do folclore e da arte **popular** ou primitiva., muitas **vezes percebida** como modismo gratuito).

Mário de Andrade depõe a seu favor ao rever, de maneira crítica, os deslizes somados àqueles tempos: "Meu aristocracismo me puniu. Minhas intenções me **enganaram**. [...] Deveríamos ter inundado a caducidade utilitária do nosso discurso, de maior angústia do tempo, de maior revolta contra a vida como está. Em vez: fomos quebrar vidros de janelas, discutir modas de passeio, ou cutucar os valores eternos, ou saciar nossa curiosidade de **cultura**." (Op. cit., pp. 252-3)

Assim, mais uma **vez**, tenta-se entender o processo social que engendrou as principais **discussões sobre** a **nossa** cultura e a nossa literatura na década de vinte e seguintes. O tradicionalista Gilberto Freyre e o modernista **Mário** de Andrade, descontados os **rótulos**, contribuíram de maneira decisiva **para** a interpretação do país, principalmente ao **deixarem** aflorar as **contradições**, que, estas sim, eram uma realidade sem a justa forma. **De** lá para **cá** - quase setenta anos passados - a **análise** dos fatos não permite apenas o confronto entre oligarquias ao norte e ao sul, entre intelectuais tradicionais e progressistas, etc.. Pulando para o processo desenvolvimentista de 64, as **contradições** **carreadas** pela modernidade brasileira tomar-se-iam mais agudas. Segundo Roberto Schwarz, "A locomotiva do progresso **partiu**, a modernidade assumiu formas não-canônicas, o país continua inconfundível. longe da temida descaracterização, e entretanto as expectativas de progresso social ligadas a **estas** evoluções fizeram água. Os pobres foram "liberados" da condição colonial, mas nem por isso a maioria chegou a proletária, inscrita no universo do salário, da cidadania e das letras, embora todos tenham se tomado consumidores mais ou menos **unânimes**."²⁵ Vale a pena conferir.

NOTAS:

Em **trabalho** anterior **A tradição re(des)coberta: Gilberto Freyre e a literatura regionalista**. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1992 - abordo a **concepção** regionalista do autor **pernambucano** e suas **concepções** norteadoras do petrierealismo **açucareiro**, bem como **suas** diretrizes para a feitura da literatura regionalista, **expostas** em seu **Manifesto Regionalista**.

² FREYRE, Gilberto. "Vida social no Nordeste: aspectos de um **século de transição**". in *Livro do Nordeste*, p. 90 (grifos meus).

¹ Idem, ibidem, p. 91. **Raciocínio semelhante encontramos em** **Sílvio Romero**: "Durante os tempos coloniais, a hábil política **de segregação**, afastando-nos dos estrangeiros, manteve-nos um **certo** espírito de coesão. Por isso **tivemos** **Basílio Durão, Gonzaga, Atverenga Peixoto, Cláudio e Silva Alvarenga**, que **se moveram** num meio **de** idéias **puramente portuguesas e brasileira**." *Apud* Roberto Schwarz.

- "Nacional por subtração", in *Que horas são?*, p. 39.
- ⁴ Cf. Carlos G. Mota. *Ideologia da cultura brasileira* (1933-/974). 3ª ed., São Paulo. **Ática**, 1977, p. 30. Cf. também Antonio Candido, "Significado de *Raízes do Brasil*", Prefácio a *Raízes do Brasil*. Sérgio Buarque de Holanda. 12ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1978.
- ⁵ Refiro-me à euforia de país "redescoberto" que contaminou a década de vinte, influenciando nos ânimos dos modernistas do Centro-Sul do país. Carlos Guilherme Mota atribui ao golpe sofrido por setores da classe dominante, em 1930, a necessidade de uma revisão interpretativa por parte da intelectualidade. Cf. op. cit., p. 63.
- ⁶ "Essa 'geração' (...) carrega consigo um certo sentido de mando, **as** marcas da **distinção** e do prestígio, uma **visão** senhorial do mundo, suavizada pelas condições gerais de vida criadas na esteira das transformações **sociais** e políticas com **foco** na crise de 1930." Op., cit., p. 54.
- ⁷ Refiro-me à capacidade intelectual de Gilberto Freyre em reorganizar a tradição **através** de um discurso que se adapte às **novas** mudanças. Gramsci diz que a **formação** dos intelectuais tradicionais **é** o problema histórico mais **interessante**. No caso da velha classe territorial inglesa, esta "perde a supremacia econômica mas conserva por muito tempo uma supremacia potuico-cultural e **é** assimilada como intelectuais tradicionais" e como camada dirigente pelo **novo grupo** que ocupa o poder." GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 3ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979, p. 17.
- "Francisco do Rego **Barros** queria reintegrar o Recife no seu natural destino de cidade dos senhores de engenho do Nordeste; de cidade faustosa; de centro de cultura e seleção social. Procurando animar a cidade de notas festivas - teatro lírico, corridas de cavalo, danças - seu fim era **evitar** o 'deperecimento da **vida social**'. 'Ele acreditava - diz-nos Nabuco - que fazendo do Recife uma bela cidade, a sociedade pernambucana, os ricos senhores de engenho e seus filhos se afeioariam à idéia de viver em sua **terra**, não se afastariam da província, o que era causa, em todo país, do deperecimento da **vida social**'. FREYRE, Gilberto. Op. cit., p. 77.
- ⁹ FREYRE, Gilberto. Comunicação ao Conselho Federal de Cultura (1976). Incluído como prefácio ao *Manifesto Regionalista*, na edição de 1976. Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, p- 15.
- ¹⁰ FREYRE, Gilberto. *Tempo Morto e Outros Tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade* (1915-1930). Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1975, pp.253-4.
- ¹¹ REGO, José Lins do. "Gilberto Freyre", in *Gordos e Magros: ensaios*. Rio de Janeiro. **Casa do Estudante do Brasil**, 1942, p.116.
- ¹² "Para os **modernistas** e os intelectuais de 30, o destino das **culturas** tradicional e popular **havia** sido uma questão **nacional**, figurando na ordem do dia e dizendo respeito à feição **futura** do país. Observem-se os manifestos de Oswald, que meio na piada jogam com a **visão** de um caminho de progresso *suí generis*, onde os lados simpáticos de nossa informalidade pré-burguesa - devidos à herança colonial - se combinariam sem sacrifício à experimentação técnica e libertária da arte de vanguarda, criando um exemplo revolucionário para o mundo, uma sociedade ao mesmo tempo espontânea e avançada, isenta dos males da civilização do presente." SCHWARZ, Roberto. "Discutindo com Alfredo Bosi", *Novos Estudos CEBRAP*, nO36, 1993, p. 13.
- ¹³ CANDIDO, Antonio. "O nacionalismo literário", In *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 5ª ed. Belo Horizonte: São Paulo/Itatiaia: EDUSP, 1975, vol. II.
- ¹⁴ "O regionalismo, enquanto ideologia (...) não ocorre necessariamente em detrimento ou **contraposição** a projeto nacional. Armai, as diversas oligarquias propunham, e propõem, na

luta política, uma perspectiva nacional. E nesse sentido não será de estranhar que seus filhos produzissem, e ainda produzam, obras em que se vê aprimorada a noção de "cultura nacional". Um projeto nacionalista não veicula necessariamente visões não-cligéricas." Carlos G. Mota, op. cit., p. 73.

¹⁵ ANDRADE, Mário de. "O movimento modernista", in *Aspectos da Literatura Brasileira*. 5ª ed. • São Paulo, Martins, 1974.

¹⁶ CANDIOO, Antonio. "Literatura e subdesenvolvimento", in *Educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo, Ática, 1987, p.142. (grifo do autor)

¹¹ ANDRADE, Mário de. "O movimento modernista", op. cit., pp. 25 1-2.

.. Idem, ibidem, p.236.

¹ "As 'Bandeiras' ninguém ousa lhes diminuir o valor no sentido da extensão da colônia portuguesa na América: do seu prolongamento para o Oeste, para o extremo Sul, para o Norte. Mas esse transbordamento • já mais de mameluco do que de português. teria sido vão e todo no raso - tão no raso que não criaria tipo nenhum de casa - se em tomo dos engenhos de açúcar, nas manchas de terra de massapê, não se concentrassem, desde o século XVI. as energias criadoras do agricultor de cana, da senhora de engenho, da mãe-preta, do negro, do cabra da bagaceira. AI é que se aprofundaram as raízes agrárias que tornaram possível o desenvolvimento rápido de simples colônia de plantação em império de plantadores de cana, com senhores de engenho elevados a barões, viscondes, marqueses, senadores, ministros, conselheiros: titulas, quase todos. nomes de engenho. [...] E defendendo seus canaviais. seus rios, suas terras de massapê, começaram a sentir que estavam defendendo o Brasil." FREYRE, Gilberto. *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*. 3ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1961, p. LI.

²⁰ "Paulo Prado, ao mesmo tempo que um dos expoentes da aristocracia intelectual paulista, era uma das figuras principais de nossa aristocr-

cracia tradicional. Não da aristocracia do Império, mas da outra mais antiga, justificada no trabalho secular da tem e oriunda de qualquer saltador europeu, que o critério monárquico do Deus-Rei já amancebara com a genealogia". ANDRADE, Mário de, op. cit., pp.336-7.

²¹ Exemplar, neste sentido, é o percurso poético de Joaquim Cardozo e principalmente seus poemas que datam de 1925 a 1935. Sua poesia dá sentido a uma outra perspectiva de nossa modernidade. constituindo-se uma via alternativa entre os princípios estéticos e sócio-culturais do Regionalismo e do Modernismo. Em tese de Doutorado para a UNICAMP, com o título *A cidade poética de Joaquim Cardozo: elegia de uma modernidade, traço o percurso desta modernidade diferenciada*, cuja prática os seus poemas apontam.

²² A respeito dessa interpretação dual de nossa sociedade, conferir o trabalho analítico de Paulo Eduardo Arantes sobre as várias teorias sociais que foram produzidas no Brasil a partir de 1930, culminando com os estudos produzidos na USP com a teoria da dependência: *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira: dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

²³ "E socialmente falando, o modernismo só podia mesmo ser importado por São Paulo e arrebentar na província. Havia uma diferença grande, já agora menos sensível, entre Rio e São Paulo. O Rio era muito mais internacional como norma de vida exterior. E tá claro: porto de mar e capital do país, o Rio possui (sic) um internacionalismo ingênito. São Paulo era espiritualmente muito mais moderna porém, fruto necessário da economia do café e do industrialismo conseqüente. Caipira de serra-ecima. conservando até agora um espírito provinciano servil, bem denunciado pela sua política, São Paulo estava ao mesmo tempo, pela sua atuação comercial e sua industrialização, em contate mais espiritual e mais técnico com a atualidade do mundo." Op. cit., p.236.

²⁴ SCHWARZ, Roberto. *Que hora são?: ensaios*, São Paulo, Companhia das Letras, 1987, p.22. Ainda sobre a contradição dos patriarcas do Café, Paulo Eduardo Arantes fala das conclusões a que chegou Maria Sylvia de Carvalho Franco em seu livro *Homens livres na ordem escravocrata*: "Maria Sylvia irá se inspirar no retrato weberiano dos nossos potentados do café, **raça dura, industriosa e frugal**, tomada pela compulsão do lucro, alheia ao consumo supérfluo e aos **vagares de lazer** fidalgo: sob o tipo **clássico** do latifundiário aristocrata, **fará emergir** o chefe de **empresa impessoal** e sua vontade **inteiriça de aquisição econômica**". op. cit., p.69.

²⁴ SCHWARZ, Roberto. "Discutindo com.:", op. cit., p.14. retrato weberiano dos nossos **potentados** do **café, raça dura, industriosa e frugal**, tomada pela **compulsão** do lucro, alheia ao consumo supérfluo e aos **vagares de lazer** fidalgo: sob o tipo **clássico** do latifundiário **aristocrata, fará emergir** o chefe de **empresa impessoal** e sua vontade inteiriça de **aquisição econômica**". op. cit., p.69.

²⁵ SCHWARZ, Roberto. "Discutindo com.:", op. cit., p.14.